

Imagens em relação: constelações a partir de uma pesquisa com filmes de horror

Marianna Knothe Sanfelicio

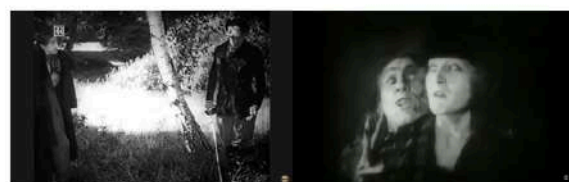
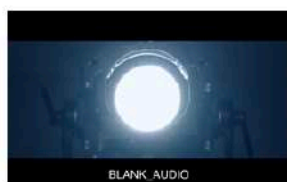
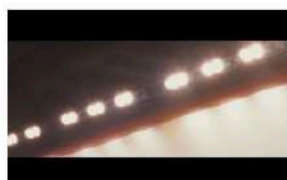
USP / Brasil¹

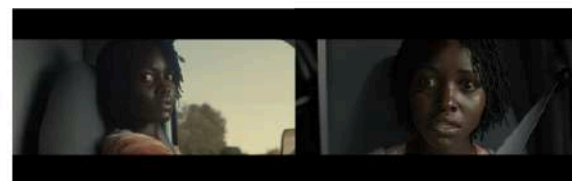
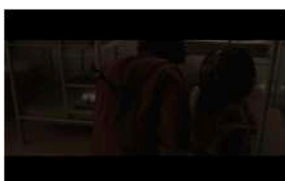
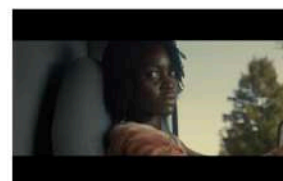
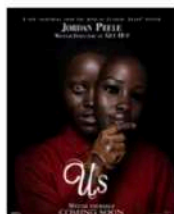
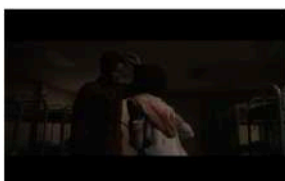
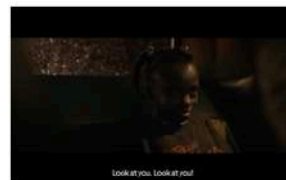
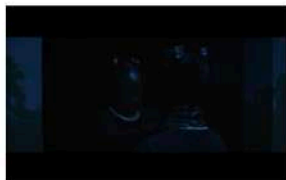
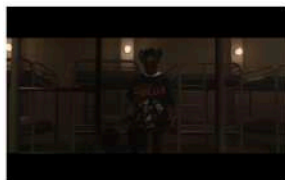
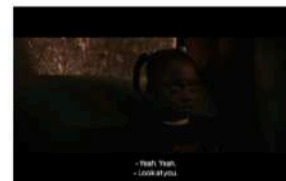
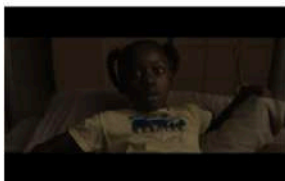
Este trabalho é um dos resultados de minha pesquisa de mestrado, denominada “O corpo, o duplo, o eu: Vida e morte em filmes de horror”, defendida em novembro de 2025 no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Nesta pesquisa, faço uma análise etnográfica em que o filme é analisado como mito, ideia que tem diversos precursores dentro da área (Kim, 2005, Hikiji, 2012, Triana, 2012, Gómez, 2012, e Wittmann, 2023, entre outros), que foram usados como base teórico-metodológica. Em um segundo momento, fiz uso da ideia de constelação, proveniente do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg, para criar montagens de imagens e cenas selecionadas dos filmes analisados. As ideias de Warburg, trazidas da história da arte, permitem pensar que “Imersas em contextos, as imagens estabelecem relações entre si, arranjam-se em constelações que são variáveis e permitem ao pesquisador enfatizar um ou outro percurso, transcurso, nexos, contexto, uma ou outra relação, inversão, polarização, (...)” (Warburg, 2015, p. 13). Dessa maneira, compreendo que as imagens são formas que pensam e que fazem pensar (Samain, 2012, p. 23), e que permitem que a pesquisa vá além do texto.

As imagens com que trabalhei foram retiradas de diversos filmes, que aponto aqui em ordem alfabética: *A Substância* (2024), *Cisne Negro* (2010), *Lunar* (2009), *Nós* (2019), *O Enigma de Outro Mundo* (1982), *O Estudante de Praga* (versões de 1913 e 1926), *O Farol* (2019), *O Sétimo Selo* (1957), *Os Invasores de Corpos* (1978), *O Médico e o Monstro* (versões de 1920, 1931, 1941), *Persona* (1966), e *Vampiros de Almas* (1966). Dadas as bases metodológicas, vale falar e mostrar como trabalhei com as imagens retiradas desses filmes e como elas foram colocadas em relação no decorrer da pesquisa. Construí pranchas, nos mesmos moldes dos criados por Warburg em seu *Atlas*. Nessas pranchas, a linguagem escapa, pois elas apresentam um conhecimento visual que só pelo visual pode ser explicado. Durante o fazer etnográfico, as pranchas foram feitas e refeitas por diversas vezes, e as imagens presentes nelas muitas vezes se repetem, como será possível ver nas páginas a seguir. Trabalhei com a ideia de que a imagem ia aonde era chamada, no momento em que era necessário.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Figuras 1, 2, 3 e 4 - Algumas das pranchas produzidas durante a pesquisa.





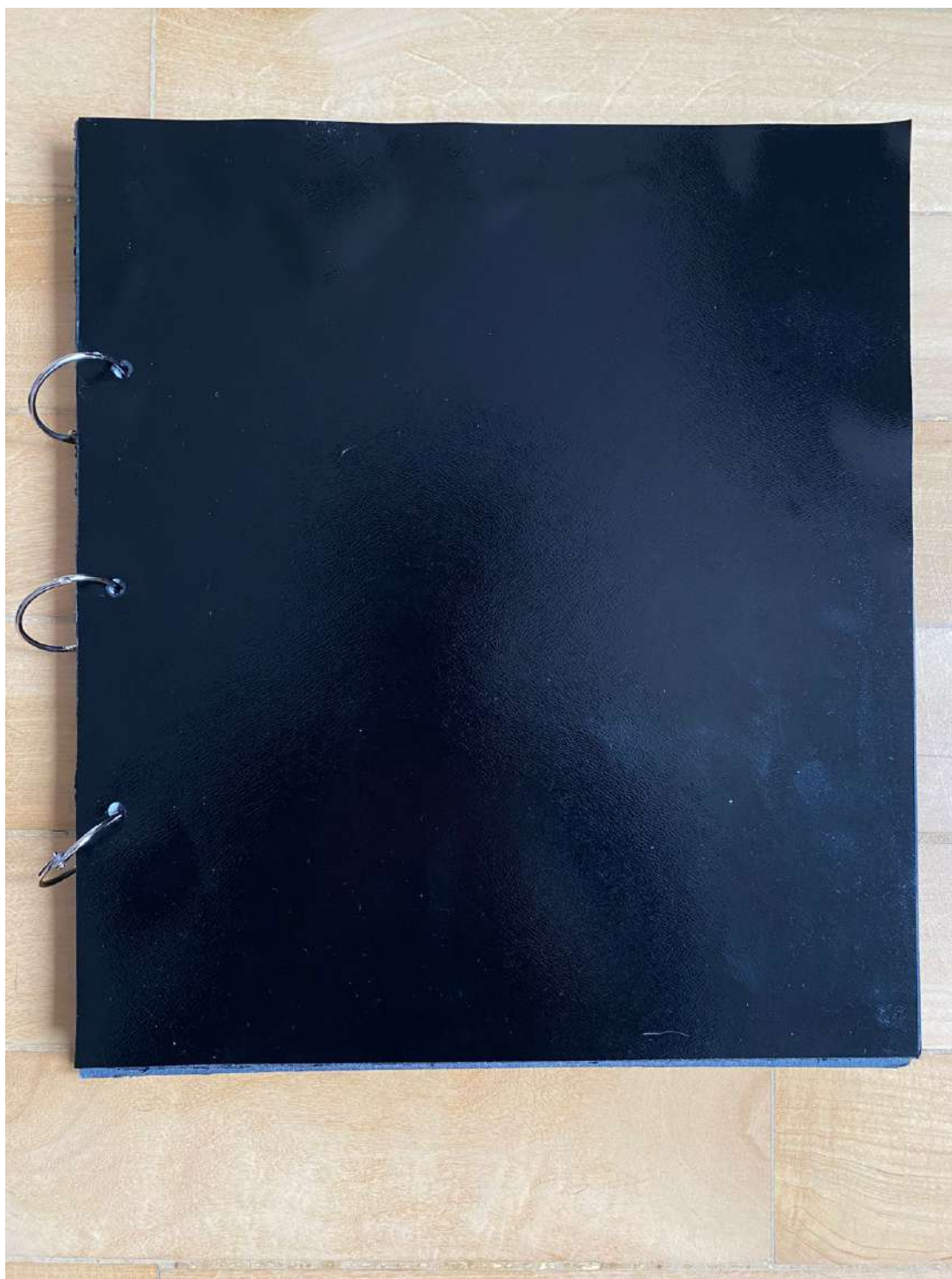
Fonte: Marianna Sanfelicio (2025).

As pranchas também foram importantes porque acredito que as imagens só existem em relação a outras imagens. Quando o pesquisador se insere nestas relações, junto das imagens, elas permitem que o pesquisador as faça falar. Além disso, trabalhar a partir da metodologia das constelações passou a me interessar também a partir do momento em que percebi que elas permitem diversas compreensões além daquelas que trago no meu processo de escrita. As pranchas se tornaram parte narrativa da dissertação, mas foram colocadas ao seu final, como anexos, e não no decorrer dos capítulos em que foram analisadas. Esta foi uma escolha deliberada e bastante pensada, pois considero que as reflexões que fiz no decorrer da escrita não são as únicas que podem ser feitas a partir destas montagens, e acredito que olhar para estas pranchas pode trazer pensamentos diferentes a outras pessoas. Retirar as pranchas da narrativa escrita é compreendê-las como possibilidades de extensão desta pesquisa para além de si mesma, como constelações que podem ser visualizadas e usadas por outros além de mim. Nesse sentido, passei a pensar meu trabalho como uma bricolagem infinita, eternamente não fixada e nunca finalizada, em que convido outros a repensar o que foi feito e retomar a obra.

A partir desse ponto, comecei a pensar maneiras em que podia disponibilizar a pesquisa para outras pessoas. A primeira ideia, prevista já no momento de construção do projeto, era a produção de um site, em que essas constelações pudessem ser colocadas on-line e visualizadas por outras pessoas. Nesse primeiro momento, meu pensamento já se voltava a disponibilizar estas imagens e constelações para outras pessoas, em uma tentativa de levar a pesquisa para além das barreiras acadêmicas. Depois de consultas com pessoas do setor jurídico, compreendi que essa era uma opção inviável: por se tratar de imagens de filmes feitos por outras pessoas, seu uso poderia incorrer em violações de direitos autorais, e o site poderia ser retirado do ar com facilidade – além de possíveis sanções a mim. Passei, então, a explorar possibilidades de construir este material de maneira física, e me voltei a álbuns de fotografia. Descobri diversos outros problemas relacionados a essa ideia, já que a fotografia se tornou, nas últimas décadas, cada vez mais digital. Aos poucos, o projeto tomou a forma de um antigo álbum fotográfico, com páginas autocolantes, cobertas com um fino plástico transparente. As imagens usadas na pesquisa foram impressas em papel fotográfico, recortadas, e coladas nas páginas autocolantes, de acordo com as constelações. Como se trata de papel autocolante, é possível retirar as imagens dessas posições e reconstruir as constelações, repensando a pesquisa, seus desdobramentos e seus resultados.

Construí um folder preto para servir de álbum, e dentro dele inseri esta nova produção de páginas autocolantes preenchidas por imagens da pesquisa impressas em papel fotográfico. A estas páginas autocolantes adicionei impressões das constelações conforme pensadas por mim, e as coloquei ao final, como anexos, como foi feito no escopo da dissertação.

Figura 5 - Capa do álbum.



Fonte: Marianna Sanfelicio (2025).

Figuras 6, 7 e 8 - Parte interna do álbum, com as imagens que podem ser mudadas de lugar.





Fonte: Marianna Sanfelicio (2025).

Por se tratar de material físico, o alcance da pesquisa se tornou muito menor do que originalmente pensado – mas a ideia central se manteve, de permitir que a pesquisa viva e sobreviva para além de mim, com possibilidades de montagens e constelações diversas daquelas que pensei no decorrer da pesquisa.

Bibliografia

Gómez, Diana Paola. **Quanto dura o terror?** A narrativa da violência em dois filmes colombianos. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Hikiji, Rose Satiko Gitirana. **Imagem-violência:** etnografia de um cinema provocador. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

Kim, Joon Ho. **Imagens da cibercultura:** As figurações do ciberespaço e do ciborgue no cinema. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Samain, E. (2012) As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: Samain, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens.** Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

Sanfelicio, Marianna K. **O corpo, o duplo, o eu: Vida e morte em filmes de horror.** 2025. 202p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2025.

Triana, Bruna Nunes da Costa. **Ensaio sobre as cores: Ética, mimesis e experiência na trilogia de Krzysztof Kieślowski.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Warburg, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande.** Escritos, esboços e conferências. Organização de Leopoldo Waizbord. Tradução de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Edição do Kindle.

Wittmann, Isabel. **Feminilidades maquinicas: Gênero, sexualidade e corpo de mulheres artificiais no cinema fantástico.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.

Filmografia

A Substância. Direção de Coralie Fargeat. Produção de Coralie Fargeat, Tim Bevan, Eric Fellner. Intérpretes: Demi Moore, Margaret Qualley, Dennis Quaid. Roteiro: Coralie Fargeat. Música: Raffertie. Estados Unidos: Working Title Films, A Good Story, 2024. (140 min.), son., color. Legendado.

Cisne Negro. Direção de Darren Aronofsky. Produção de Scott Franklin, Mike Medavoy, Arnold Messer, Brian Oliver. Intérpretes: Natalie Portman, Vincent Cassel, Mila Kunis, Barbara Hershey, Winona Ryder. Roteiro: Mark Heyman, Andres Heinz, John McLaughlin. Música: Clint Mansell. Estados Unidos: Cross Creek Pictures, Phoenix Pictures, Protozoa Pictures, Dune Entertainment, 2010. (108 min.), son., color. Legendado.

Lunar. Direção de Duncan Jones. Produção de Stuart Fenegan, Trudie Styler. Intérpretes: Sam Rockwell, Kevin Spacey, Dominique McElligott, Kaya Scodelario, Benedict Wong, Matt Berry, Malcolm Stewart. Roteiro: Nathan Parker. Música: Clint Mansell. Reino Unido, Estados Unidos: Liberty Films, Xingu Films Limelight, 2009. (97 min.), son., color. Legendado.

Nós. Direção de Jordan Peele. Produção de Jason Blum, Ian Cooper, Sean McKittrick, Jordan Peele. Intérpretes: Lupita Nyong'O, Winston Duke, Elisabeth Moss, Tim Heidecker, Shahadi Wright Joseph, Evan Alex, Yahya Abdul-Mateen II. Roteiro: Jordan Peele. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2019. (116 min.), color.

O enigma de outro mundo. Direção de John Carpenter. Produção de David Foster e Lawrence Turman. Intérpretes: Kurt Russel, Wilford Brimley, T. K. Carter, David Clennon, Keith David, Richard Dysart, Charles Hallahan, Peter Maloney, Richard Masur, Donald Moffat, Joel Polis, Thomas Waites. Roteiro: Bill Lancaster. Estados Unidos: Universal Pictures, Turman-Forster Company, 1982. (109 min.), color.

O Estudante de Praga. Direção de Stellan Rye, Hanns Heinz Ewers, Paul Wegener. Produção de Paul Wegener. Intérpretes: Alexander Moissi, Fritz Weidemann, Grete

Berger, John Gottowt, Ladislav Struna, Lyda Salmonova, Hanns Heinz Ewers, Paul Wegener. Roteiro: Stellan Rye, Hanns Heinz Ewers, Paul Wegener. Música: Josef Weiss. Alemanha: Deutsche Bioscop, 1913. (85 min.), P&B.

O Estudante de Praga. Direção de Henrik Galeen. Produção de Henry Sokal. Intérpretes: Conrad Veidt, Werner Krauss, Elizza La Porta, Fritz Alberti, Grafin Agnes. Roteiro: Henrik Galeen. Música: Willy Schmidt-Gentner. Alemanha: Sokal-Film GmbH, 1926. (91 min.), P&B.

O Farol. Direção de Robert Eggers. Produção de Rodrigo Teixeira, Jay van Hoy, Robert Eggers, Lourenço Sant'Anna, Youree Henley. Intérpretes: Robert Pattinson, Willem Dafoe. Roteiro: Robert Eggers, Max Eggers. Música: Mark Korven. Estados Unidos e Canadá: A24, Regency Enterprises, Rt Features, Parts & Labor, 2019. (109 min.), son., color. Legendado.

O Sétimo Selo. Direção de Ingmar Bergman. Produção de Allan Ekelund. Intérpretes: Gunnar Björnstrand, Bengt Ekerot, Nils Poppe, Max von Sydow, Bibi Andersson, Inga Landgré, Åke Fridell. Roteiro: Ingmar Bergman. Música: Erik Nordgren. Suécia, 1957. (96 min.), son., P&B.

Os Invasores de Corpos. Direção de Philip Kaufman. Produção de Robert H. Solo. Intérpretes: Donald Sutherland, Brooke Adams, Leonard Nimoy, Jeff Goldblum, Veronica Cartwright. Roteiro: W. D. Richter. Música: Denny Zeitlin. Estados Unidos: Solofilm, 1978. (115 min.), son., color.

O Médico e o monstro. Direção de John S. Robertson. Produção de Adolph Zukor, Jesse L. Lasky. Intérpretes: John Barrymore, Martha Mansfield, Charles W. Lane, Nita Naldi. Roteiro: Clara Beranger, Thomas Russell Sullivan. Estados Unidos: Famous Players–Lasky/Artcraft Pictures, 1920. (79 min.), P&B.

O Médico e o Monstro. Direção de Rouben Mamoulian. Produção de Rouben Mamoulian. Intérpretes: Fredric March, Miriam Hopkins, Rose Hobart. Roteiro: Samuel Hoffenstein, Percy Heath. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1931. (86 min.), son., P&B. Legendado.

O Médico e o Monstro. Direção de Victor Fleming. Produção de Victor Saville. Intérpretes: Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Lana Turner, Donald Crisp. Roteiro: John Lee Mahin, Percy Heath, Samuel Hoffenstein. Música: Franz Waxman. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1941. (127 min.), son., P&B. Legendado.

Persona. Direção de Ingmar Bergman. Produção de Ingmar Bergman. Intérpretes: Bibi Andersson, Liv Ullmann. Roteiro: Ingmar Bergman. Suécia: Ab Svensk Filmindustri, 1966. (84 min.), son., P&B. Legendado.

Vampiros de almas. Direção de Don Siegel. Produção de Walter Wanger. Intérpretes: Kevin McCarthy, Dana Wynter, Larry Gates, King Donovan, Carolyn Jones, Jean Willes, Ralph Dumke, Virginia Christine, Tom Fadden, Kenneth Patterson. Roteiro: Daniel Mainwaring, Richard Collins, Sam Peckinpah. Música: Carmen Dragon. Estados Unidos: Walter Wanger Productions, 1956. (80 min.), son., color. Legendado.